

# Falta de material prejudica paciente

■ Governo pede verbas suplementares para suprimento das farmácias dos hospitais

Luís Antônio

A crise econômica dos hospitais públicos do Distrito Federal está fazendo com que as famílias dos pacientes atendidos sejam obrigadas a comprar material cirúrgico e remédios para ajudar no tratamento de seus parentes.

Devido à grande procura, muitas farmácias próximas aos hospitais aumentam o preço dos produtos mais requisitados. Em muitos hospitais falta material básico atendimento de pronto-socorro, como ataduras, esparadrapos, gaze, algodão, seringas e filmes para raio X, além de remédios imprescindíveis, como analgésicos e xilocaina.

Há efetivamente uma carência de medicamentos e de material na rede pública hospitalar", confirma o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, atribuindo o problema à falta de recursos e à superlotação dos hospitais públicos. Ele argumenta que a rede hospitalar pública do DF deve registrar, este ano, cerca de 4.600 consultas, quando a capacidade de atendimento é de somente 1.600 pessoas. A superlotação ocorre pelo grande número de pacientes vindo de outros estados, principalmente de Minas Gerais, Bahia e Goiás, que procuram atendimento em Brasília.

O governo solicitou, ontem, à Câmara Legislativa a liberação de CR\$ 800 milhões para investir na compra de material. A Secretaria de Saúde firmou, também, um convênio com o Ministério da Saúde para obter CR\$ 628 milhões, que ainda dependem da aprovação do Congresso Nacional.

**Dificuldades** — Para suprir a carência de estoque, os médicos percorrem diariamente os diversos setores dos hospitais públicos à procura de material. "Quem tem mais empresta para quem está com a farmácia vazia", diz a enfermeira Abadia Rosa Caetano, do Hospital de Base (HBB). Ela conta que o



*Farmácias vazias, como a do Hospital de Base de Brasília, estão exigindo que pacientes comprem remédios*

apoio dos familiares dos pacientes tem ajudado a contornar a crise. Muitos saem do hospital para comprar material cirúrgico e medicamentos. As 13 seringas disponíveis, ontem, no setor de cardiologia do pronto-socorro, por exemplo, foram compradas pelas famílias dos pacientes.

A empregada doméstica Andréa Carla Silva, mãe de um dos pacientes internados no HBB, conta que já adquiriu algumas vezes seringas e esparadrapos para que os médicos pudessem atender o filho, ferido com um tiro na perna.

Ontem, no Hospital de Base, o maior e mais bem equipado da rede pública do centro-oeste, o pronto-socorro dispunha somente de 14 seringas para tratamento de cerca de 140 pacientes internados nas diversas unidades emergenciais. "Precisamos de 1.900 seringas descartáveis por dia" afirma a chefe do

setor de enfermagem do pronto-socorro, Heloisa Ribeiro, que há dois dias aguarda uma remessa de material prometida pela Secretaria de Saúde. O chefe do pronto-socorro, Celso Rodrigues, lembra que, além dos pacientes internados, os médicos do setor atendem diariamente cerca de 800 pessoas, inclusive de outros estados, que acabam congestionando o HBB.

No estoque do setor de emergência, faltavam também ataduras, cânulas de entubação e equipos de soro, imprescindíveis quando o paciente ingere medicamentos pela veia. A farmácia dispunha somente de 5 rolos de esparadrapos, guardados a sete chaves pela chefia da emergência para casos mais graves.

"A situação é difícil e nos últimos dois meses o hospital está agonizando", afirma o diretor do Hospital de Base, Lairson Rabelo, que, além de enfrentar problemas com a

falta de medicamentos e material cirúrgico, tem que se preocupar também com a interdição de oito elevadores. Há 15 dias, os seis elevadores do prédio central do Hospital, que tem doze andares, e onde fica a maioria dos pacientes internados, quebraram. Durante cerca de três horas, os funcionários ficaram impedidos de levar alimentação e medicamento aos pacientes, que também não puderam ser deslocados para exames.

"Falta tudo" exagera o chefe da Farmácia, Marcos Ferreira. Ele afirma que não há recursos para comprar os 3 mil itens que compõem a farmácia do hospital, responsável pela distribuição de material para todos os setores. Ele lembra que em 1988 conseguia adquirir material suficiente para suprir a demanda de um ano. Agora, os recursos permia compra de um estoque somente para três meses.